

Psicose, invenção e sintoma

Psychosis, invention and symptom

Fernanda Mara da Silva Lima¹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo abordar o campo da constituição do sujeito na psicose para sustentar a tese de que a psicose não é uma questão de déficit, deficiência, falha, incapacidade ou inaptidão. Será partir da psicanálise de Sigmund Freud e de Jacques Lacan que apresentaremos fundamentos teóricos para situar a relação entre o sujeito e o Outro na clínica da psicose. Em seguida nos debruçaremos sobre como o último ensino de Jacques Lacan nos ajuda a pensar o termo invenção na psicose e sua relação com a ideia do sintoma em sua versão ampliada. Apostamos aí numa possível direção de tratamento psicanalítico na clínica com psicóticos.

Palavras-chave

Psicose; invenção; sintoma.

Abstract

The goal of this article is to approach the constitution field of the subject in psychosis to support the thesis that the psychosis is not a matter of deficit, deficiency, flaw, incapacity or unfitness. It will be from Sigmund Freud and Jacques Lacan's psychoanalysis, we are going to present the theoretical foundations to locate the relationship between subject and the Other in clinic with psychotic. Afterwards, we will lean over how the last Lacan's instruction help us to wonder the term invention in psychosis and its relationship with the idea of the symptom in its amplified version. We bet there a possible direction of psychoanalytic treatment in clinic with psychotics.

Keywords

Psychosis; invention; symptom

Fernanda Mara da Silva Lima¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Universidade Estácio de Sá

Especialização (Residência) em Saúde Mental pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal Do Rio de Janeiro. Professora da Universidade Estácio de Sá (UNESA).

fernandamaralima@yahoo.com.br

É a clínica com psicóticos que nos coloca radicalmente diante do fato de que o sujeito não está dado *a priori*. É por isso que Jacques-Alain Miller afirma que “a psicose é questão de sujeito - pois ela assim mesmo nos conduz aos confins de sua produção” (MILLER, 1996, p. 160).

No texto *Projeto para uma psicologia científica* (1996 [1895]), Freud aborda o tema do desamparo fundamental com o qual o ser humano se defronta assim que nasce, já que ele depende de um outro para sobreviver. Freud afirma que é necessário que se realize uma *ação específica* para que se opere a descarga de tensão colocada pela fome, por exemplo. Mas essa *ação específica* não pode ser desempenhada pelo próprio bebê, sendo necessário que alguém o faça. É nesses termos que Freud trabalha com a ideia de desamparo fundamental, uma vez que o bebê depende que uma pessoa o tome em cuidados. Nesse momento, o bebê precisa de um outro que se ocupe dele. Como essa função, muitas vezes, é exercida pela mãe, Lacan formalizou a ideia de que o Outro primordial é encarnado pela mãe, pois é ela quem referencia o bebê ao Outro da linguagem.

É a mãe que, tomando o bebê em seus cuidados, dará sentido aos seus sons, gestos, movimentos e gritos. Então é este Outro primordial que transformará o grito do bebê em demanda e lhe dará um sentido, conferindo-lhe o valor de mensagem. Sendo assim, o grito, os sons ou os gestos apenas assumem valor de apelo quando um Outro lhe dá um sentido.

Se a *ação específica* da qual o bebê depende está também na dependência de que seja feita sua leitura, então é isso que faz com que o Desejo do Outro “seja a bússola que orienta a constituição do sujeito”. (DI CIACCA, 2005, p.39)

Ora, se a atribuição de significação ao que o bebê produz, seja sons, gestos, movimentos e gritos, vem do campo do Outro primordial, então o sujeito se constitui a partir do Desejo do Outro. Essa é a marca que faz a passagem de *infans* para sujeito, inaugurando a entrada do sujeito no simbólico.

Para que uma mãe, enquanto o Outro primordial, atribua significações aos sons, gestos, gritos do seu bebê, é preciso que o bebê ocupe um determinado lugar na sua economia libidinal, e, portanto, esteja investido psiquicamente por sua mãe. Fazendo uma articulação com a formulação lacaniana, podemos afirmar que é o mesmo que remeter ao lugar do bebê no desejo da mãe.

Freud (1914 [1996]) em *Sobre o Narcisismo* aborda o tema do lugar do bebê na economia libidinal dos pais como *sua majestade: o bebê*, sendo, portanto, desse lugar que recebe todos os investimentos libidinais. E será esse lugar que trará consequências para a constituição psíquica. Encontraremos alguma aproximação dessa ideia freudiana nos escritos de Lacan: “(...) A frase foi começada antes dele, foi começada por seus pais (...)” (LACAN, 1957-8 [1999], p. 192). O que quer dizer que o bebê mesmo antes de nascer já é falado por seus pais, ou seja, já é investido libidinalmente.

Não se trata de afirmar que a criança deve ser amada e não odiada. Não se trata de que os pais devam agradá-la ao máximo sem que ela possa vivenciar qualquer frustração, como abordavam alguns psicanalistas pós-freudianos. É mais radical que isso. É preciso que os pais se enderecem ao bebê e que possam suportar e, portanto, atribuir significações ao seu grito, gesto, movimento, som. Isso significa dar ao bebê um determinado lugar.

Mas há uma especificidade no que se refere à clínica com psicóticos. Então, o que se passa nessa clínica? O que testemunhamos no tratamento de crianças psicóticas é que no trabalho de escuta das mães o que se apresenta diz respeito a uma posição de nada saber ou tudo saber sobre seu filho. Na verdade, o que se apresenta são os dois extremos de uma mesma posição da mãe, já que portar todo saber ou absolutamente nenhum significa que a mãe

não confere aos sons, movimentos e gestos de seu filho o estatuto de demanda e apelo.

Temos o testemunho clínico de um dia em que Leci chorava muito, sem parar, e diante disso sua mãe falou: “Ela faz barulhos o tempo todo, grita, geme e nunca tem silêncio em casa e não há um momento de paz em casa. Ela é isso aí o tempo todo, não muda!”. A fala da mãe de Leci remete à impossibilidade de supor que esses gritos, gemidos e choro sejam um apelo, uma demanda. Para esta mãe eram simplesmente gritos, gemidos e choro que nada significavam. Dar-lhes algum sentido não era possível.

Em outra situação, entrevisto a mãe na presença do filho, Eric. Apresento-me e me dirijo aos dois. A mãe rapidamente se interpõe e diz: “Não adianta falar com ele. Ele não entende nada, não!”. Vale destacar que essa mãe riu por eu me dirigir ao seu filho, pois para ela minha posição foi absurda.

Agora traremos um testemunho de uma outra posição, aquela que apresenta todo o saber de uma mãe sobre seu filho. Maurício chegou com sua mãe ao serviço de saúde mental. Maurício entrou enquanto ela aguardava na sala de espera. Alguns minutos depois a mãe me chamou para enfatizar que eu deveria dar água ao Maurício, pois era um dia ensolarado, ele estava com sede. Minha intervenção seguiu da seguinte maneira: “Entendo sua preocupação, pois hoje está um dia quente. Eu perguntarei a ele se ele está com sede”. Mesmo que eu tentasse incluir o saber da mãe sobre seu filho, esta reagiu com muita raiva e gritou comigo enfatizando que eu não precisava falar nada com ele, apenas deveria dar-lhe água.

Se “a fala só é fala na medida em que alguém nela crê” (LACAN, 1953-4 [1983], p. 272), faz-se necessário que à criança seja endereçada uma demanda particularizada. O que não ocorre na clínica com os psicóticos, conforme testemunhamos. “Isso fala dele, antes que isso se enderece a ele, e é lá que ele se apreende” (LACAN, 1960 [1998], p. 849). Qual é a consequência disso? A ausência de uma mensagem dirigida ao bebê que o particularize é o mesmo que não oferecer significação às manifestações do bebê. Podemos então afirmar que esta mãe confere a essas manifestações um estatuto que não o articula em relação ao campo da demanda. Para essa mãe os sons, os movimentos, os gritos da criança não são tomados por ela como um apelo.

Queremos apontar para uma questão que se coloca do lado da mãe, que é para a criança o Outro primordial. Se para a mãe é preciso que a criança tenha um determinado lugar em sua economia libidinal, para que possa inferir significações aos gritos de seu bebê, a pergunta que se coloca é sobre o lugar do filho no desejo da mãe.

E para a criança a questão é sempre dirigida ao Desejo da Mãe. Mas o que vem a ser o Desejo da Mãe? “Esta mãe insaciável, insatisfeita, em torno de quem se constrói toda a escalada da criança no caminho do narcisismo, é alguém real, ela está ali e, como todos os seres insaciados, ela procura o que devorar, *quaerens quem devoret* (...)”. (LACAN, [1956-7] 1995, p. 199).

Desejo da Mãe será submetido a uma Lei para além da própria mãe, para além de seus caprichos. Assim é que o significante Nome do Pai virá em substituição ao significante Desejo da mãe (LACAN, 1957-8 [1999]). Decorre disso a metáfora paterna.

Este conceito, o Nome do Pai, está articulado ao Édipo. A metáfora paterna, derivada da inscrição no Outro do significante Nome do Pai, é o que possibilitará ao sujeito uma baliza na existência.

Assim, por um lado, a mãe fica privada do objeto criança, que viria a completá-la, tamponando sua falta; por outro, a criança é interdita do gozo da mãe. O Nome do Pai opera como um terceiro que cumprirá a função de oferecer significado ao enigma do Desejo da Mãe: a significação fálica.

O falo possibilita o distanciamento, uma mediação, entre a criança e a mãe. A imagem trazida por Lacan em *O Seminário, Livro 17*, nos mostra sua importância: o falo seria o rolo que impede que a boca do jacaré se feche, portanto, é o que a mantém aberta. Assim é o que possibilita um efeito apaziguador na relação do sujeito com o Outro.

O Nome do Pai constitui um operador que permite uma ordenação do mundo em sua dimensão significativa, tornando, desta forma, possível a articulação entre significantes e significados. Esta ideia é citada por Lacan (1955-6 [1988]) como ponto de basta e também por Calligaris (1989) como ponto de ancoragem. Assim, oferece ao neurótico, coordenadas simbólicas para se situar na existência e na partilha dos sexos.

Será, portanto, a inscrição do significante do Nome do Pai, do qual decorre a metáfora paterna, que caracteriza a estrutura neurótica. E se este significante vier a faltar? O Nome do Pai é o significante que por sua forclusão irá definir a estrutura psicótica enquanto tal.

A forclusão do Nome do Pai consiste num conceito forjado por Lacan (1955-6 [1988]) a partir do termo freudiano *Verwerfung* e que caracterizaria a estrutura clínica da psicose enquanto distinta da neurose, como o trecho acima nos aponta. O termo *Verwerfung* foi cunhado num trecho em que Freud (1914 [1918]) relata o caso clínico “Homem dos lobos” que apresenta um episódio de alucinação.

No *Seminário 03, As psicoses*, Lacan nos fala sobre este significante que fora excluído na psicose: “Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante” (LACAN, 1988 [1955-6], p. 174).

É possível encontrar uma correspondência em Freud sobre esta formulação de Lacan. No texto *Rascunho H*, Freud relata um fragmento clínico em que a paciente apresenta um surto e passa a ouvir as pessoas lhe dizendo o que ela diria a si mesma. Em seguida, Freud faz a seguinte pontuação: “o tema permanecia inalterado; o que mudava era a localização da coisa. Antes, tratara-se de uma autocensura interna; agora, era uma recriminação vinda de fora”. (FREUD, 1895 [1996], p. 255). Sobre esse tema, vale trazer uma citação de Lacan: “tudo o que é recusado na ordem simbólica (...) reaparece no real” (LACAN, 1955-6 [1988], p.21).

Estamos nos referindo ao significante primordial que está ausente, que fora rejeitado. Estamos, portanto, nos referindo à causalidade significativa na psicose.

Jacques Lacan conceituou o significante Nome do Pai como articulado ao Édipo e decorrente daí a metáfora paterna. O que resulta dessa operação é a significação fálica. Com isso fica garantido ao sujeito a regulação do gozo do Outro.

Assim, numa estrutura neurótica, nos diz Lacan (1955-6 [1988]), a partir da leitura de Freud, o que cai sob o golpe do recalque tem como destino o seu retorno sob a forma de sintomas, atos falhos, que são as formações do inconsciente. Entretanto, o que é recusado da ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, terá outro destino. Sem a inscrição do Nome do Pai no Outro e sem a referência da significação fálica, o sujeito se vê acossado por toda uma sorte de acontecimentos, como os distúrbios da linguagem, as alucinações e os delírios, por exemplo. O psicótico fica no lugar de objeto do gozo desse Outro invasor. Reconhecemos nesse momento “uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida do sujeito” (LACAN, 1955-6 [1988], p. 565) e que Freud (1911 [1996]) formulará em termos de desligamento da libido e perda da realidade na psicose.

Dentre estes fenômenos de que temos testemunho na clínica com a psicose, destacaremos o delírio, para então nos reportamos a Freud, que em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*

(1911 [1996]) nos afirma que o delírio é uma tentativa de “auto-recuperação”. Encontramos uma correspondência sobre este ponto em Lacan, que faz referência à ausência da inscrição do Nome do Pai, na psicose para destacar o trabalho do delírio como uma suplência ao Nome do Pai, constituindo como uma metáfora que não a paterna, sendo então uma metáfora delirante. Assim o trabalho do delírio faria uma reconstrução do campo da realidade. Dizemos reconstrução, uma vez que aí incide uma diferença entre psicose e neurose, pois segundo Lacan (1955-6 [1988]) a constituição do campo da realidade, na neurose, se estrutura através da fantasia, a partir de uma dupla referência: no campo simbólico, a inscrição do Nome do Pai, e no campo imaginário, a significação fálica.

Encontramos no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1955-6 [1988]) a apresentação da metáfora paterna a partir da apresentação do caso Schreber. É um momento importante na obra lacanianiana, em que a metáfora delirante é apontada como uma construção a fim de fazer as vezes da metáfora paterna ausente.

Num primeiro momento do ensino de Lacan, na década de 50, o Nome do Pai estava atrelado à metáfora paterna; mais tarde, com a formalização da pluralização do Nome do Pai, esse significante passou a ter como função o enodamento dos três registros: Real, simbólico e Imaginário. O Nome do Pai passa a ser um significante suplementar, um elo que permitirá a amarração dos três registros, sendo esta uma ideia a ser trabalhada em *O Seminário, Livro 22, R.S.I.*, e também em *O Seminário, Livro 23, O Sinthoma*. Com isso, o acento para a função paterna incide sobre a nomeação e a amarração.

Como já vimos, a função paterna, na década de 50, servia para ordenar todos os significantes, fazendo supor um Outro “consistente”, uma vez que os significantes não extrapolariam o campo simbólico. Entretanto, a partir da formulação do objeto *a* em *O Seminário, Livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964 [1998]), na década de 60, Lacan nos aponta para o que haveria de inassimilável pela linguagem. Objeto *a* remete ao que não é possível de ser simbolizado e assim se aproxima do real. Com isso a linguagem, estruturalmente, comporta a falta, justamente porque algo escapa à simbolização.

Assim, a função paterna passa a se referir à inconsistência do Outro, constituindo uma operação de suplência a essa falta estrutural do Outro. Desta forma, a inconsistência do Outro é algo com o qual todo falante terá que lidar.

Para a linguagem é impossível tudo simbolizar. O Outro comporta uma falta estrutural. É na linguagem que nos deparamos com a impossibilidade de tudo situar no campo simbólico.

Assim, diante das reformulações do conceito de Nome do Pai, temos como consequência um novo lugar para o campo da neurose, e também para o que se refere à clínica das psicoses na própria teorização lacanianiana.

O Nome do Pai ao ser pluralizado destitui o Édipo enquanto único ordenador possível para ancoragem do sujeito na existência. Agora, a função do pai é de enodar os três registros - Real, Simbólico e Imaginário. Lacan assim formaliza:

quanto àquilo de que se trata, a saber, o atamento do Imaginário, do Simbólico e do Real, é preciso, essa ação suplementar em suma de um toro a mais, aquele cuja consistência seria de referir-se à função dita do Pai. (LACAN, [1974-5], p. 31-2).

Em *O Seminário, Livro 22, R.S.I.* (1974-5), Lacan apontará como esta função de atamento pode ser efetivar. Dito de outro modo, Lacan nos

apresentará a ideia de que os operadores que podem fazer valer a função de atamento são inúmeros.

quando comecei a fazer o seminário dos “Nomes do Pai”, e que pus, como alguns sabem, pelo menos aqueles que estavam lá, pus um termo, eu certamente tinha - não é por nada que chamara isso de “Os Nomes do Pai” e não o Nome do Pai, eu tinha algumas ideias da suplência que o campo toma, o discurso analítico que faz com que esta estreia, por Freud, dos Nomes do Pai, é porque esta suplência é absolutamente indispensável que ela tem vez: nosso Imaginário, nosso Simbólico e nosso Real estão talvez para cada um de nós ainda num estado de suficiente dissociação para que só o Nome do Pai faça nó borromeano e mantenha tudo isso junto, faça nó a partir do Simbólico, do Imaginário e do Real. (LACAN, 1974-5, p.31-2).

O conceito de função paterna é reformulado quando da elaboração da noção de nó borromeano e a pluralização do Nome do Pai na década de 70. A referência ao nó borromeano remete e ilustra ainda mais evidentemente a função de amarração do pai, já colocado anteriormente.

Fará, então do Nome do Pai um suplemento, um elemento suplementar, quarto círculo que vai atar os três outros (RSI). É aí que poderíamos situar a passagem para o plural, do Nome do Pai aos Nomes do Pai. (...) Efetivamente, se dizemos que a função [do Nome do Pai] é fazer manter junto, pode-se imediatamente dizer que talvez existam outras maneiras de fazer manter junto além da do viés desse significante (SOLER, 1991, p.126-7).

O significante Nome do Pai é então dissociado do Édipo. A pluralização do Nome do Pai (os Nomes do Pai) e a estrutura do nó evidenciam a não predominância de qualquer registro sobre os demais, assim o Real, o Simbólico e o Imaginário ganham o mesmo estatuto.

E mais tardiamente, em *O Seminário, Livro 22, R.S.I.*, a função paterna continua atrelada à função de nomeação: “reduzo o Nome-do-Pai à sua função mais radical, que é a de dar um nome às coisas com todas as consequências que isto importa”. (LACAN, 1974-5, p. 46).

Podemos articular a função de nomeação à função de amarração. É justamente a amarração dos três registros que produzirá como efeito a ancoragem do sujeito na existência.

É inevitável mencionar aqui, mesmo que brevemente, em *O Seminário, Livro 23, O Sinthoma* (2007 [1975-6]). É o momento em que Lacan se refere ao trabalho de produzir suplência para a falha no enodamento dos três registros, que será nomeado de sinthoma.

A realidade humana define-se, assim, como não tendo nenhuma existência intrínseca, mas como uma consistência produzida através da construção de um véu tecido de imaginário e simbólico que serve para recobrir o real. Esta construção implica numa contrapartida, que é a localização de gozo. E esta localização procede da função do pai, na forma de uma interdição que coloca em ação a lei simbólica, cabendo a cada sujeito fazê-la operar.

Dentro desta nova perspectiva, podemos afirmar que a função do Nome-do-Pai é a de fazer consistir, para cada sujeito, uma realidade sem existência prévia e que não existe outra escolha senão se servir dele, já que não há amarração *a priori* dos três registros.

Vemos, assim, que nos anos 70, o Nome do Pai passa a ser relacionado à função de localização de gozo, a ser produzida por cada sujeito mediante o enodamento dos três registros (...) (OLIVEIRA, 2008, p. 22).

Para Recalcati (2003), a partir das últimas formulações de Lacan, é possível enfatizar que na clínica das psicoses não se trata de um defeito simbólico, mas da carência de uma operação que viabiliza a regulação de gozo que, por sua vez, deixa como possibilidade a construção de uma suplência.

Em sintonia com esta ideia, Maleval (2002) proporá que o desencadeamento na psicose está relacionado ao confronto do sujeito com a inconsistência do Outro, não sendo, portanto, decorrente de uma falha inaugural. A crise seria a falência do que até então pôde operar como uma regulação de gozo.

Se a ênfase recai sobre o trabalho do sujeito de produzir uma regulação e uma localização do gozo, então devemos nos reportar a Lacan (1967 [2003]), que afirma que toda formação humana tem por essência barrar o gozo. Com isso, podemos entender que as ricas fenomenologias que encontramos na clínica da psicose referem-se às tentativas de criar mediações e balizamentos para ordenar a existência.

Assim afirmamos que nossa direção de trabalho consiste em não tomá-las no campo da deficiência, do déficit, da falha, da incapacidade ou da inaptidão. Sustentamos o que haveria de enigmático na posição desses sujeitos. E agora vale a pena enfatizar o que há de produtivo no duplo sentido do termo, seja enquanto produção e enquanto positividade. Dito de outro modo: podemos afirmar que essas manifestações comportam um trabalho, isto é, uma produção do sujeito para barrar o gozo. Nisso incide sua positividade.

Para Strauss (1993), no autismo¹ não há o recurso à norma fálica, com a qual o neurótico pode se situar na existência, nem mesmo pode lançar mão da metáfora delirante, como na paranoia; é por isso que se empenham em se fazerem, a si mesmos, ordenadores do mundo.

Parece que diante deste Outro que se constitui para eles como intrusivo e avassalador é necessário um trabalho, um posicionamento de proteção do que provém do Outro. Daí decorrer a rica fenomenologia com a qual nos deparamos na clínica com os psicóticos: a ausência de fala, a ecolalia, a relação singular com o corpo, o não endereçamento do olhar, os ditos distúrbios alimentares, a necessidade de regular sequencialmente algumas tarefas.

Nossa proposta para esta pesquisa é seguir na direção do que pode ter como efeito a função de manter junto, enodar. A partir do que Jacques Lacan nos aponta na sua formalização sobre a pluralização dos Nomes do Pai, seguiremos com a aposta de que um outro conceito, a saber, o sintoma (em sua versão ampliada, que se refere, também, à psicose e não só à neurose). Gostaríamos de avançar em relação à seguinte questão: será que o sintoma pode funcionar como nó que *amarra* os três registros na psicose?

A invenção psicótica é um trabalho de bricolagem do sujeito. Segundo Jacques-Alain Miller: “O sentido do termo ‘invenção’ é (...) o de uma criação a partir de materiais existentes. Eu atribuiria de boa vontade à invenção o valor de bricolagem” (MILLER, 2003, p. 06). Angélica Bastos nos oferece subsídios para entendermos melhor a terminologia:

O termo é retirado do francês, *bricoler*, *bricolage*, e designa uma atividade construtiva de caráter artesanal e privado. O *bricoleur* é aquele que, ao invés de recorrer ao serviço especializado de terceiros para instalar, construir ou consertar algo em sua casa, engaja-se no trabalho sem possuir formação técnica ou profissional.

(...) o *bricoleur* recorre a restos, partes de objetos, cacarecos, coisas sem utilidade que são aproveitadas, recicladas num novo objeto, onde cada peça adquire um novo uso.

1

Não poucos psicanalistas vão supor uma aproximação entre autismo e esquizofrenia de modo que o autismo pertenceria, assim como a esquizofrenia, ao campo das psicoses. Alguns dos trabalhos que podemos citar a esse respeito é Baio (1993), Bruno (1999) e Soler (2002).

(...) O sintoma também é uma questão de invenção. Também é fabricado com elementos da cultura, mas com seus fragmentos heterogêneos, numa montagem particular, que traz a marca do sujeito. Nessa acepção do termo sintoma, não estamos limitados à estrutura clínica da neurose. Ele não é necessariamente uma formação do inconsciente recalçado, mas uma formação do falante que ata (...), poder-se-ia dizer, amarrando os registros do real, do simbólico e do imaginário. É uma bricolagem com assinatura que dá forma à fórmula da contingência: que isso cesse de não se escrever, ou seja, que dá um tratamento ao real do gozo (BASTOS, 2004, p. 262-3).

Será esta uma direção de trabalho: que o sujeito possa construir uma bricolagem, produzir uma invenção? Mas, conforme afirma Jacques-Alain Miller (2003), nem toda invenção é bem-sucedida, há a possibilidade de fracassar. Inclusive devemos estar avisados de que uma invenção bem-sucedida pode vir a caducar. Mesmo assim, será que uma direção clínica se constituiria no trabalho de bricolagem e invenção que fossem bem-sucedidos, que pudessem se constituir como um sintoma?

Sobre o artigo

Recebido: 20/03/2014

Aceito: 10/04/2014

Referências bibliográficas

- BASTOS, A. Segregação, gozo e sintoma. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. IV, n. 2, p. 251-265, 2004.
- CALLIGARIS, C. **Introdução a uma clínica possível das psicoses**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- Di CIACCIA, A. A prática entre vários. In: Lima, M.; ALTOÉ, A. (orgs.) **Psicanálise, Clínica e Instituição**. Rio de Janeiro: Rio Ambiciosos Livraria e Editora Ltda., 2005, p. 34 -54.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1895a). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 333-454, v. I.
- FREUD, S. Rascurinho H: Paranoia (1895b). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 253-258, v. I.
- FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (1911). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 14-89, v. XII.
- FREUD, S. Sobre o Narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 75-108, v. XIV.
- FREUD, S. História de uma neurose infantil (1918 [1914]). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 13-129, v. XVII.

- LACAN, J. **O seminário, livro 01: os escritos técnicos de Freud** (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1983.
- LACAN, J. **O seminário, livro 03: as psicoses** (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.
- LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1955-1956). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LACAN, J. **O seminário, livro 04: a relação de objeto** (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- LACAN, J. Posição do inconsciente (1960). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 05: as formações do inconsciente** (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LACAN, J. Alocação sobre as psicoses da criança (1967). In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.359-368.
- LACAN, J. **O seminário, livro 22: R. S. I** (1974-1975). Inédito.
- LACAN, J. **O seminário, livro 23: o sinthoma** (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- MALEVAL, J.C. **La forclusionnn del nombre del padre**. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- MILLER, J-A. Produzir o sujeito? In: MILLER, J-A. **Matemas 1**. Campo Freudiano no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p. 155-161.
- MILLER, J-A. A invenção psicótica. **Opção Lacaniana**,. São Paulo, Editora Eolia n.º 36, p. 6-16, 2003.
- OLIVEIRA, R. **A invenção do corpo nas psicoses: impasses e soluções para o aparelhamento da libido e a construção da imagem corporal**. 2008, 199f. Tese (Doutora em teoria Psicanalítica). Programa de pós-graduação em Teoria Psicanalítica, IP/UFRJ, Rio de Janeiro: 2008.
- RECALCATI, M. **Clínica del vacío: anorexias, dependencias, psicosis**. Madrid: Editorial síntesis, 2003.
- SOLER, C. **Artigos Clínicos**. Salvador: Fator, 1991.
- SOLER, C. **O inconsciente a céu aberto na psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- STRAUSS, M. Pour une spécificité de l'autisme. **Revue de l'école de la cause freudienne**. Paris, n. 23, p. 15-30, 1993.